

O PROGRAMA ART ALLGARVE 2009, "Tão Brilhante como o Sol/As Bright as the Sun", é realizado este ano em parceria com importantes colecções institucionais de arte contemporânea – BESart, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Artes Visuais/Encontros de Fotografia, Colecção Caixa Geral de Depósitos, Museu Colecção Berardo, Serralves Museu de Arte Contemporânea –, desafiadas a apresentar o seu espólio a partir de um olhar exterior.

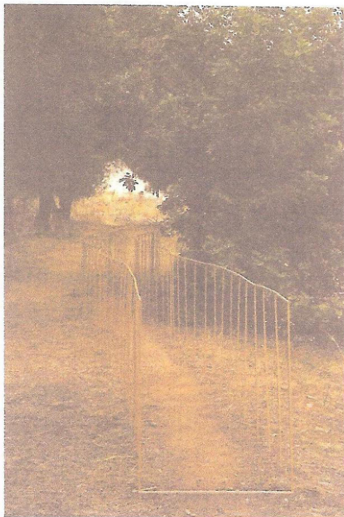
No palacete da Quinta da Fonte da Pipa, em Loulé, é exposta a proposta da Culturgest intitulada "A Luz, por dentro", sob curadoria de João Silvério, que reúne obras (algumas já parte da colecção e outras encomendadas especificamente para a exposição) de Luísa Cunha, Filipa César, José Pedro Croft, Armanda Duarte, João Paulo Feliciano, Ricardo Jacinto, Bruno Pacheco, Jorge Queiroz e Rui Toscano. Segundo o curador, esta mostra não pretende ser um olhar panorâmico sobre a colecção, mas um exercício de pensar algumas obras que a constituem (ou autores presentes na colecção), tomando como referência as singularidades do espaço expositivo. Desta forma, aspira ser uma interrogação sobre o espaço que a acolhe e as memórias que este encerra.

O palacete, mandado construir no final do século XIX por Marçal Pacheco, teve como inspiração os famosos castelos franceses da região do vale do Loire e o seu interior é marcado por uma profusão decorativa: salas e corredores, paredes e tectos, estão repletos de frescos. Desabitada há muitos anos, a casa encontra-se num estado de degradação avançado conservando, no entanto, o ambiente romântico que a caracteriza. É exactamente nesta linha, entre a memória de um passado de vivências e a sua actual deterioração, que se inscreve a presente exposição. Dadas as características do espaço, com paredes que impedem a colocação obras, o curador decidiu não recorrer à construção de divisórias falsas, o que implicaria um apagamento da memória, da identidade e das especificidades do palacete em troca de um espaço neutro. Esta escolha, que dota a exposição de uma leitura e lógica muito inteligente, implicou uma selecção de, maioritariamente, obras escultóricas.

INTIMIDADE COLECTIVA. A ideia de luz, de descobrir a luz por dentro, assume aqui não só um carácter metafórico, em relação ao tema do Art Algarve, mas também uma dimensão romântica, em sintonia com o espaço no qual se insere. A mostra torna-se ao mesmo tempo poética e desafiante.

Algumas obras são particularmente capazes de iluminar esta metáfora, em especial, a concebida especificamente para a exposição por José Pedro Croft. Escolhendo para si uma divisão da casa que se encontrava em avançado estado de degradação (o tecto a cair, o chão podre), inclusivamente vedada ao público, Croft divide essa sala em duas, através do uso de uma cortina (quase uma veladura branca), que permite visionar, a partir da parte restaurada da sala, a outra. Um espaço é limpo, bonito, arranjado, o outro decadente, quase miserável. Um glorioso, o outro arruinado. Neste segundo espaço, Croft instalou espelhos na arquitectura original da sala: nas paredes laterais dos vãos da janelas e nos medalhões hexagonais que decoram outras paredes. Os espelhos ampliam o espaço, reflectem o exterior, o jardim, estendem o tempo...

Outra obra realizada especificamente para a exposição é *Spots* de Luísa Cunha



Luísa Cunha,
Drop the Bomb, 1994,
instalação sonora
Cortesias do artista
© Laura Castro Caldas/
Pauco Clivis

José Pedro Croft,
Son Tróia, 2009,
instalação-espelho, secção,
dimensões variáveis.
Cortesias do artista
© Laura Castro Caldas/
Pauco Clivis

Armanda Duarte,
Meio Caminho, 2009,
instalação, um sesto
de meio caminho, linha
de terra batida, linha
de madeira com scope
quadrangular 1 x 1 cm,
30 x 1500 x 70 cm.
Cortesias do artista
© Laura Castro Caldas/
Pauco Clivis

(que apresenta uma nova obra e outra já presente na colecção). A artista inspirou-se no muro do terraço onde estão incrustados pequenos fragmentos de uma miríade de imagens. A partir do seu espólio pessoal imagético, Cunha constrói uma sala, "salpicada" de parcelas de imagens, quase estilhaços de memórias anónimas.

A última encomenda foi realizada por Armanda Duarte, arte, que instalou *Meio Caminho* no exterior do palacete, numa área do jardim não muito cuidada, onde existe um caminho que não leva a nenhum lugar especial. Nesse caminho, Duarte propõe um outro, resultante de um cálculo matemático feito por ela, para chegar a uma medida base (entre 9 e 11 metros de comprimento total do caminho). Finas linhas de madeira desenham um estreito trilho, que o espectador é convidado a percorrer para chegar, apenas, a uma impossibilidade de continuar que o obriga a retroceder. Destaque ainda para a outra peça desta artista presente na exposição, *Action Line* (1999), um desenho escultura feito com linha branca e fio de nylon; e para a escultura *Light corner* (1990) de João Paulo Feliciano, com uma instalação particularmente feliz no contexto da exposição.

Uma exposição bem conseguida e inteligente, com obras de arte que nos possibilitam contemplar o mundo a uma outra luz, numa interioridade individual mas, simultaneamente, colectiva +

"A Luz, Por Dentro"
Quinta da Fonte da Pipa,
Loulé
Até 27 Setembro